



Lara Iavelberg

Número 14

BOCA

23 de Junho de 2005

Instituto de Psicologia - USP

ESSE É PRA SAIR NA CAPA!

Lygia Viégas (NAC, pós)

Curioso que num momento de polêmica intensa em torno do BOCA, e no qual declaro que não pretendo publicar nada sobre a situação no próprio Boletim, mas compor um manifesto com o NAC (que está circulando), eu saio na capa do BOCA (uma das poucas vezes). Foi nas "memórias do BOCA", de suposto caráter histórico, e que passou a existir desde que o mal-estar em torno da qualidade e ética do Boletim foi colocada em pauta.

Trata-se de um texto do Millôr, enviado por mim, intitulado "A razão dos palavrões". Bom paca, por sinal! Mas embora eu goste muito do texto, esse resgate de memória feito sem meu conhecimento não me lionjeou. Por isso, resolvi me pronunciar publicamente, e agora no BOCA.

Inicialmente, quero dizer que não considero esse um espaço de memórias ou história, pois tem um recorte muito específico, focalizando textos com palavrões ou defesa da "liberdade de expressão", sendo, portanto, absolutamente, embora não declaradamente, parcial no que se refere à trajetória do BOCA.

Por exemplo, eu sou/era colaboradora de carteirinha, escrevendo principalmente textos militantes. Há inúmeros textos meus que poderiam representar a memória do BOCA ou da minha participação nele:

- escrevi para divulgar o surgimento do NAC, o contexto histórico em que isso se deu e discutir a presença de crianças de baixa renda do IP, que parecia incomodar a muitos. E também ajudei a escrever o texto que divulgou a mudança de nome do NAC, quando passamos a ser Núcleo de Ação e Crítica.

- escrevi convites para atividades do NAC: para receber os bixos; assistir o vídeo "Espetáculo democrático"; para uma oficina de projetos de extensão; uma oficina de pintar camisetas; uma oficina de cidadania;

para as pessoas do IP conhecerem nossos projetos e mesmo se engajarem neles; para discutir Cultura e Extensão; para participar de nossos eventos; grupos de estudos e pic-NACs.

- ainda pelo NAC, publiquei: uma entrevista com alguns meninos pobres que frequenta(va)m o IP; um texto para discutir o termo "exclusão social", e o quanto ele encobre a desigualdade inerente a uma sociedade dividida em classes; fiz mesmo uma poesia paródia da Casa, de Vinicius de Moraes.

Mas nem só pelo NAC eu publiquei no BOCA: também divulguei um texto que li na mesa de abertura da VIII Semana de Psicologia, sobre a trajetória das semanas; um texto refletindo sobre a polêmica eleição de CA em 2001; um texto questionando o caráter de violência que o BOCA vinha tomando; um pensando no risco de incorrerem em contradições, agindo de forma reacionária mas se supondo revolucionário.

E ainda tiveram textos de discussão da minha militância na pós-graduação: discutindo o (des)valor da pós-graduação; divulgando a criação de um egroups de pós; convidando alunos de graduação e pós a compor uma equipe de trabalho para pensar o financiamento à pesquisa no IP; e finalmente, um texto discutindo a recusa de bolsas às pesquisas no IP.

É sobre esse último que vou me deter: nele, eu falava que quem teve a solicitação de bolsa recusada deveria recorrer, contando que comigo deu certo, não porque eu fosse "fodona". Beleza. Como outros textos meus, pessoas vieram falar comigo, muitas elogiando o texto. E houve quem me dissesse que se incomodou com o palavrão, e que eu poderia tê-lo substituído por outra palavra. Eu, então, disse que há razão para os palavrões. Aí, como conhecia o texto de Millôr, decidi publi-

car no BOCA, apenas como brincadeira e para trazer a discussão sobre palavrões.

Agora, temos o texto dentro do contexto. Não faz diferença?

Oral! Diante de tantas publicações minhas, por que justamente essa foi resgatada (que, aliás, nem é de minha autoria)? O que se pretende com isso? É ação ingênua ou deliberada? Por que eu não fiquei sabendo antes, se a CO tem como me contatar?

Por isso, reitero: não são memórias ou história do BOCA. Seria ideologia, no sentido marxista?

"idéias que parecem resultar do puro esforço intelectual, de uma elaboração teórica objetiva e neutra, (...) sem qualquer laço de dependência com as condições sociais e históricas, são, na verdade, expressões dessas condições reais, porém de modo invertido e dissimulado. Com tais idéias pretende-se explicar a realidade, sem perceber que são elas que precisam ser explicadas pela realidade" (Chauí, 1980, p. 16).

Devo acreditar que essa caricatura é gesto ingênuo e não deliberado: colocar uma publicação com meu nome na capa do BOCA defendendo os palavrões num contexto que, lembro, é de crise e no qual me posicionei publicamente contra o que vem acontecendo (fique claro: não contra os palavrões, mas as agressões, a violência e a má fé)?

Coincidência ou não, esse resgate se deu no mesmo dia em que o NAC publicou seu manifesto. Má fé ou não, não fiquei sabendo que seria usada (sim, fui usada!) de forma distorcida e descontextualizada.

O manifesto do NAC foi feito às claras e certamente sem a intenção de deturpar a imagem de ninguém. Fica espelhada a diferença na postura do NAC e da CO do BOCA.

AOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO DO IPUSP INFÔRME SOBRE A MATRÍCULA - 20 SEM/2005

MATRÍCULAS EM DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS, LICENCIATURA E OPTATIVAS LIVRES OFERECIDAS POR OUTRAS UNIDADES DA USP.

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO

PERÍODO DE MATRÍCULAS:

a) Através da internet - JÚPITER WEB*: A partir das 8:00h do dia 22/06/2005 até às 23:59h do dia 29/06/2005.

b) No SERVIÇO DE ALUNOS (Bloco 23): Entre o dia 22/06/2005 até o dia 01/07/2005, das 9:00 às 12:00 e das 13:30 às 17:00 horas.

*O acesso ao Júpiter Web, no endereço <http://www.sistemas.usp.br>, dá-se através do Número USP do aluno e a sua senha pessoal, sem prejuízo da opção presencial na secretaria de alunos.

Destacamos que, neste período, serão efetuadas tão somente as matrículas nas disciplinas obrigatórias do IPUSP, assim como nas optativas livres oferecidas por outras unidades da USP. As matrículas nas disciplinas optativas do IPUSP ocorrerão, segundo a sistemática atual, no período de Retificação de Matrículas, portanto, após o início do semestre letivo. Caso pretendam realizar a matrícula pelo Júpiter Web, os alunos que decidirem ingressar na Licenciatura em Psicologia, assim como aqueles que iniciarão o 5o ano (Grau de Psicólogo) em 2005, deverão entrar em contato antecipadamente com o Serviço de Alunos. Isso é necessário para que sejam abertas as habilitações correspondentes e, assim, as grades curriculares tornem-se disponíveis no sistema.

Por fim, solicitamos que todos os alunos mantenham disponível a sua comunicação por e-mail, haja vista que os informes do sistema Web serão enviados por esse meio.

Serviço de Alunos-Graduação: 3091-4177 - e-mail: gradip@edu.usp.br

DEFESAS DE TESES E DISSERTAÇÕES

Islaine (Funcionária do IPUSP) +
Bosco (05)

Candidato: VANESSA APARECIDA ALVES DE LIMA

Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO.

Título da Tese: ECOLOGIA E JUÍZO MORAL: VOZES DA LIDERANÇA AMBIENTAL EM RONDÔNIA.

Orientadora: Professora Doutora

RONILDA RIBEIRO - Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP

Defesa Pública: 22 de junho de 2005, às 14 horas

Local: Bloco 23, Anfiteatro do Instituto de Psicologia

Candidato: SANDRA TOMAZ

Programa de Pós-Graduação em NEUROCIÊNCIAS E COMPORTAMENTO

Título da Dissertação: AVALIAÇÃO DA SENSIBILIDADE AO CONTRASTE ESPACIAL DE LUMINÂNCIA POR POTENCIAIS VISUAIS EVOCADOS DE VARREDURA EM PACIENTES EXPOSTOS A VAPORES DE MERCÚRIO

Orientador: Professor Doutor JOHN MARNUEL DE SOUZA - Psicologia Experimental - IPUSP

Defesa Pública: 23 de junho de 2005, às 9h

Local: Sala 14 do Instituto de Psicologia

Candidato: RENATA GAMA SANTALLA
Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

Título da Dissertação: AQUISIÇÃO DE VOCALIZAÇÕES REFERENCIAIS E CONTEXTUAIS E COMPREENSÃO DE RÓTULOS POR UM PAPAGAIO VERDADEIRO (AMAZONA AESTIVA)

Orientador: Professor Doutor EDUARDO BENEDICTO OTTONI - Psicologia Experimental - IPUSP

Defesa Pública: 24 de junho de 2005, às 9h30

Local: Bloco 23, Anfiteatro do Instituto de Psicologia

Candidato: FLAVIO AMÉRICO FRASSETO
Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA ESCOLAR E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Título da Dissertação: AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE: UMA CRÍTICA À EXECUÇÃO DA MEDIDA DE INTERNAÇÃO

Orientador: Professor Titular LINO DE MACEDO - Orientador

Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano - IPUSP

Defesa Pública: 27 de junho de 2005, às 9h

Local: Sala 14 do Instituto de Psicologia

Candidato: WALTER GUSTAVO MOURE
Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA CLÍNICA

Título da Tese: SAUDADES DA CURA: ESTUDO EXPLORATÓRIO DE TERAPÊUTICAS DE TRADIÇÃO INDÍGENA DA AMAZÔNIA PERUANA

Orientador: Professor Associado GILBERTO SAFRA - Psicologia Clínica - IPUSP

Defesa Pública: 29 de junho de 2005, às 9h

Local: Bloco 23, Anfiteatro do Instituto de Psicologia

Para mais informações: <http://www.usp.br/ip/>

Pequeno Espaço em Branco

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Bruno Aquino (05), Dailza Pineda (04), Guilherme Valente (04), Janaina Klinko (05), João Bosco (05), Jonas Boni (02), Karina Schmidt (04), Leandro Salebian (05) e Patrícia Ferreira Rabaça (03) e Thaís Mariana (04).

Diagramação: Jonas Boni (02)

Reprografia: José Carlos de Carvalho e Maria Betânia da C. Grangeira

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h00min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

O BOCA pela minha BOCA

Erika Azevedo (02)

erikaazevedo@pop.com.br

Tendo incompletamente acompanhado as discussões sobre o BOCA, envolvendo alunos, funcionários e docentes, fiquei na dúvida em me manifestar ou não. Afinal, seria este texto "digno" de publicação? Bem, na dúvida, fica meu depoimento aqui neste espaço ainda aberto (?) e democrático (?). Porque, sim, como aluna, pressuponho meu direito em participar de tal discussão independente da minha "experiência" em fazê-lo.

Crítérios para as publicações no BOCA: Como? Baseado em quê? Na verdade, para mim, o BOCA estava bom do jeito que estava, com a publicação irrestrita quanto ao tema de todos os textos enviados. E não porque eu gostasse de todos os assuntos; na verdade, devo confessar que não agüentava mais os poemas do João (?) e as "aulas" do Ricardo da Pós; e confesso, com todo carinho, que nem sempre tinha saco para os textos da Patricia Rabaça ou as manifestações políticas de Rubens, Zílio e Let's, por exemplo.

Mas, não acredito que nenhum destes textos, ou qualquer outro publicado que eu já tenha lido, tenha mais ou menos direito/moral/padrão para estar no BOCA. E é isto que para mim sempre representou a beleza do BOCA e o que mais significa o aprendizado de Psicologia: a diversidade. Que aprendemos aqui a não desfiar juízos de valor a torto e a direito; a não impor o que é certo e errado, normal aceitável ou não no que diz respeito à Psicologia e portanto ao ser humano. E não é ao ser humano que a Psicologia diz respeito? Às suas manifestações? Então, porque um texto meu sobre ecologia, ou um texto sobre movimento estudantil da Let's, ou um texto sobre... sei lá o quê do Ricardo da Pós ou do Busílis tem que ser normatizado

dentro de algum critério, julgado e "aceito" para ser publicado quando são todos de pessoas envolvidas no Instituto de Psicologia escrevendo para seus leitores?

Relativismo ingênuo, claro, é um risco. Outro risco é o **autoritarismo**, ou a **repressão**, ou a **censura**. Mas, ok, o primeiro risco é sério sim. Me perguntei também "e se o BOCA virar um jornal pornográfico? E se o BOCA virar um caderno de receitas? E se o BOCA virar um veículo de panfletagem do caduco movimento estudantil?" Aí é que está. O BOCA pode virar qualquer coisa, seguindo esta linha de pensamento (publicação irrestrita no que diz respeito ao tema). Ou não. Porque na Psicologia não há só "tarados" que gostam de falar em pinto e buceta; ou "fúteis" que trocam receitas, ou "pseudo-revolucionários" que querem inflamar a massa (as " " são para ironizar tais rótulos, sem ofensas). Há diversidade humana. Talvez seja possível pensarmos em algumas restrições sim, sei lá, acho que não seria correto se eu quisesse publicar o seguinte texto "Fulano é ladrão", sei lá (mesmo), é uma calúnia, é legalmente proibido, mas até aí, não somos capazes, alunos, de resolver esta questão? Precisamos de uma assembleia, de ata? E fora isso o que mais pode gerar tantos problemas?

Seria ridículo pensar que todos os textos agradassem todos os leitores. Já citei os meus textos menos favoritos e não tenho dúvidas de que os meus façam parte muitas listas de textos mais odiados. Mas aí, fazer o quê? Proibir estes textos que causam desconfortos ou proibir os leitores? Nenhum dos dois. Aliás, gostaria que os **docentes** que "repudiam" certos textos publicados

no BOCA esclarecessem quais foram estes textos. Faço desta uma pergunta sincera, já que não li todos os textos publicados no BOCA na íntegra, mas nos que li até agora, nada vi que pudesse ser considerado desleal, ou "repudiável".

Uma professora (que não falo o nome, por não ter pedido autorização para citá-la e por incluir na minha lembrança do que disse também minha percepção) uma vez disse que a Psicologia (ou nós profissionais, ou os teóricos, bem, algo assim ficou pra mim) tínhamos que ser capazes e ouvir críticas. Então, bem, enquanto o BOCA publica textos que criticam aulas, professores e procedimentos; este boletim dos alunos também publica textos enviados por funcionários e por professores, inclusive como direito de resposta. E gera polêmica, há discordâncias, vários membros desta comunidade se manifestam, os ânimos esquentam, algumas pessoas ficam chateadas, mas e daí? Não quero, como futura psicóloga, ignorar o sofrimento humano, mas sei também que é impossível "agradar a todos", que até onde vamos, censurando textos, para evitar o sofrimento? Nossa! E como se só (e se) os textos do BOCA fossem os grandes provocadores de sofrimento e humilhação aqui dentro deste instituto e na vida como um todo.

Não, não vou prosseguir; alguns já podem imaginar do que estou falando; não importa, que fique para um outro momento. O que importa é que nenhuma **mão de ferro** venha com seu poder calar a boca do BOCA, porque esta tem sido, com todas as suas restrições, nossa única voz. Que a discussão seja sempre possível e que a gente possa sempre **discordar** sem sentir a necessidade de calarmos uns aos outros.

CinePsi

Bosco (05)

Projeção de Filmes na Psicologia

Dando continuidade ao projeto CinePsi, que procura estabelecer um diálogo entre cinema e psicologia, bem como desenvolver discussões a partir das temáticas trazidas pelos filmes, vamos projetar nessa sexta:

O Passageiro

Profissão:

Repórter

de Michelangelo Antonioni

Projeção do filme seguido de debate com:

Prof. Rubens
Rewald (ECA)

Prof. Dr. Néilson
Coelho Júnior (IP)

24 de junho - 15 horas

Sala 20 - Aurora Furtado - Instituto de Psicologia - USP

Sinopse: O filme foi dirigido pelo consagrado diretor italiano Michelangelo Antonioni e conta no elenco com os atores Jack Nicholson e Maria Schneider. Na história, o bem sucedido jornalista David Locke (Nicholson), preso a desgastante rotina do trabalho e à monotonia do casamento, pensa seriamente em desistir de tudo. Inesperadamente, a morte de um desconhecido lhe dá essa oportunidade. Locke abandona a própria identidade e assume a do falecido. Mais do que isso, acaba criando uma personalidade própria e se envolvendo com o contrabando de armas que sustenta a guerrilha na África.

Entre os muitos pontos abordados pelo filme, destacam-se: o desejo que temos em superar nossas próprias limitações, a despersonalização vivida em proveito da objetividade, o questionamento sobre a "naturalidade" com que enxergamos o mundo e sobre aquilo que concebemos como realidade.

Esperamos vocês lá

CinePsi é um projeto de alunos do IPUSP

Apoio: Centro Acadêmico Iara Iavelberg e Instituto de Psicologia

Envie-nos um e-mail:
cinepsi@yahoo.com.br

Erratas:

1º texto "A razão dos palavrões" de Millôr Fernandes, enviado por Lygia Viégas, que foi re-publicado nas Memórias do BOCA de 15 de Junho de 2005 foi tirado do BOCA de 31 de Março de 2004.

2. O nome do entrevistado é Guilherme Gibran Pogibin, e não Pogibim como saiu o BOCA do dia 15 de Junho de 2005.

Lembranças da Iara

Centro Acadêmico

Reunião Extraordinária de Pauta Conjunta, dia 15 de junho.

Informe:

Foi informado que o Fórum convocado pela direção, composto pelo CTA, Comissão de Graduação, Centro Acadêmico e Comissão de Ética em Pesquisa do IP, conforme carta aberta enviada 14 de junho, já possui data marcada para se reunir.

Continuação dos itens pendentes em pauta da reunião de 14 de junho:

Disponibilização da quota de xerox para manifesto do NAC - é colocado que o distanciamento entre CA e NAC já é muito marcado e que isso é uma questão a ser pensada (uma vez que o manifesto foi trazido pronto, tendo um parágrafo diferente caso o CA liberasse a quota, e outro, caso não). É também colocado que é muito complicado querer questionar o conteúdo do manifesto em um momento como esse em que 'brigamos' pelos questionamentos das publicações do BOCA ou dos incentivos do CAII. Colocou-se ainda que estamos em um momento em que contribuições que

Volu M es
puz aumen dita
PI Ivelberg
u me Va
re Lu Za
tor U ro
e H mo cu

Daniel Avila (04)

(Continuação)

favoreçam a discussão, devem ser acolhidas e incentivadas.

Decidiu-se que a quota será liberada para o NAC.

Fórum - A reunião do Fórum (supracitado nos informes) acontecerá antes do dia 20 - dia em que agendamos uma discussão aberta, com funcionários e professores, sobre a questão do BOCA. Propõe-se que se peça o adiamento da reunião (Fórum) para que possamos estar presentes junto com esclarecimento sobre o porque da convocação, ou que seja apenas pedido um esclarecimento sobre o que é o Fórum, e compareceríamos a reunião. A segunda proposta foi a mais votada.

Item adicionado no dia:

Microondas - O microondas do CA apresenta problemas e será desativado. Edson (Negão) ficou responsável em providenciar um orçamento para a manutenção.

Resumo da Reunião de Pauta Conjunta, 21 de junho de 2005

Pauta Discutida:

Fórum
Discussão do Boca

Os demais itens foram delegados para a reunião organizacional de quinta (dia 23, 12h), tanto por falta de tempo quanto por melhor organização: Festa Junina, Conune, CCA Piracicaba, Segurança Pró-aluno, Curso de Inglês, Avaliação das Disciplinas e Ratos.

Fórum - Foi discutido o espaço criado para discussão sobre as 'relações do Centro Acadêmico com o Instituto', denominado de Fórum. A primeira reunião ocorreu na sexta passada (dia 17 de junho) e os informes foram trazidos. Desta reunião do Fórum ficou como tarefa para os estudantes realizarem uma proposta para o funcionamento e assuntos a que se debruçarão em tal espaço (?).

Na presente reunião de Pauta Conjunta, discutiu-se se deveríamos voltar ou não ao espaço do fórum. Foi discutido o caráter do 'convite' para tal espaço, os objetivos e possíveis intenções, as possibilidades e a problemática da situação atual das relações do CAII com os órgãos institucionais, bem como o papel do BOCA como iniciador dessa discus-

são e como fazendo parte da mesma.

Levantou-se que era necessário ter claro qual o objetivo do Fórum, o que exatamente discutiríamos para saber-se quem deveria participar. Colocou-se ainda que era necessário paridade entre os membros que o compunham.

Foi decidido, então, realizar uma carta, contendo a nossa proposta e que a mesma fosse levada e lida na próxima reunião do Fórum. Nossa proposta consiste em: discutir as relações do CAII com o Instituto pela questão financeira; e que haja paridade entre os membros da comissão (6 estudantes, 3 membros do CTA e 3 professores).

Discussão do BOCA

Foi decidido que, para dar continuidade à discussão do dia 20 sobre a função do BOCA, se criasse uma comissão para 'trabalhar' a ata da discussão. A idéia é que se aproveite as vozes que lá se fizeram presentes, organizando as questões e argumentações que surgiram, bem como as diversas propostas realizadas, produzindo um documento a ser publicado. A partir deste, deve-se marcar uma nova reunião para pensar as propostas elencadas e fazer os encaminhamentos.

Intervenção no caso massa

por reginaldo yasuoka moreira bastos - segundo ano ciências sociais pucsp, poeta, articulista e lançador de dados e acasos

Sabemos muito bem, que existiu no Brasil um poeta chamado Gregório de Matos. O Boca do Inferno, devido à sua boca grande de falar-lhe o que lhe convêm, atacando governantes. Acaba sendo banido para Angola mais ou menos em 1694. Aliás não se sabe tanto assim, quem foi esse tal Gregório da Massa, pois muita gente começou a assinar utilizando seu nome. Mas retomemos um instante:

AO GOVERNADOR ANTÔNIO LUÍS

Sal, cal e alho
Caiam no teu maldito caralho.
Amém.

*O fogo de Sodoma e Gomorra
Em cinza te reduzam essa porra.
Amém.
Tudo em fogo arda,
Tu, e teus filhos e o Capitão da
Guarda.*

Será que estamos repetindo as infrasestruturas do passado de 1.500 anos atrás, na superestrutura de agora? Um caso Gregoriano aconteceu na USPintudo, com a galerinha de psicologia. Rolou umas bandas e uma banda que me lembro muito bem, Os Otávios citou:

O Caso Massa: Jovem uni-

enviado por daniel avila (04)

versitário escreve duas vezes para uma revista da turma universitária de psicologia: BOCA... Na primeira escreve um artigo e na segunda uma intervenção poética, com tais dizeres:

"BOM SENSO DE CÚ É ROLA"

Me lembrei logo, daquela velha brincadeira de criança. Que todas as crianças de minha idade sempre fizeram, por exemplo: se um garoto vive enchendo falando que gosta de tal coisa, esse mito urbano é profetizado pela molecada.

-Ah! Eu gosto de sorvete.

(continuação)

E vêm a fatídica resposta:

-Sorvete de cu é rola.

Mas esse exmplo cabe apenas de ilustração, do que venho retratar, se o caso é falar de arte, é dessa que falaremos. Se necessário consultar especialistas neste 'ramo', é o que farei. Pensei primeiramente em procurar em Duchamp, com seu levantamento frente ao *Ready Made*. É aquela obra de arte que é o próprio ato, a revolução da forma como colocaria Maiakovski e os futuristas. Observem, Duchamp não tem relação com o futurismo, mas a crítica ativa é o que faz a invenção de ataque à própria noção de obra de arte. Os futuristas estavam cativos da sensação e Duchamp da idéia, parafraseando Octavio Paz.

Quando as brincadeiras de criança criaram um mito verborrágico, com palavrões e expressões condenáveis aos adultos. Viu-se esse signo vivo, Duchamp trabalhava com isso a *metaironia*. Alguns objetos anônimos para se trabalhar, se tornando arte no momento de sua criação e contradição. A contradição é a essência do ato. Como um jogo de palavras Mallarmaicos dispostos a se destruírem. De se autonegarem.

Destruindo o significado da idéia, do mito. Vemos essa ruptura citando algumas pessoas na pintura, Jasper Johns e na música de inveção, a música experimental por natureza, com pianos em pregos preparados, de John Cage. Essa ironia que imita a vida do circo, destrói sua própria negação e se afirma. Como expor-se à uma constelação no espaço, uma maneira próxima de Bodisativas budistas na qual através da impermanência, buscavam seu interior pelo desaparego. Duchamp trabalhava também dessa forma, com a beleza da indiferença: a liberdade.

...

vigiando

duvidando

rolando

brilhando e meditando

antes de se deter

em algum ponto último que o sagre

Todo Pensamento emite Um Lance de Dados

Duchamp escolhe os objetos manufaturados, e como se escrevesse seu nome neles, escrevesse seu nome numa negação e cria o desafio! Para Aristóteles o poeta imita o gesto criador da natureza. Para os antigos a natureza era uma deusa, um viveiro de deuses, como um 'NASCEMORRE' e assim a obra de arte se torna algo inútil sua própria negação. Como para Maiakovski, *somos o exemplo, a agitação, a propagação*, e para Duchamp, *a forma é a emissora de significado*. Disso vemos crescer um feto revolucionário na forma em que tudo nos é dado. *Ruptura e descida à uma pena de silêncio*. Analizemos a atual decadência de forma poética que vivemos, apenas é nítido o consumo, por que se queiris bom senso nesse mundo não encontrareis. Assim como Flaubert, depreciar a academia mas fazendo parte dela. Todos podemos er levados a esse hospício que se chama universidade, onde a Oswald (o qual não foi aceito ser professor na USP) sempre estará do nosso lado :

Os mortos governam os vivos. Tudo que é vivo esses burocratas da arte transformam em burrice e pobreza. .

E espero que eu jamais alcance

A impudente idade do bom senso

Maiakovski, fragmentos 1

É o que desejo as crianças que continuem achando bom senso de cu é rola, que continuem percebendo e criticando. *A massa ainda comerá do biscoito fino que preparo. (Oswald de Andrade)*. Continuo com a opinião que a coordenação desse curso está querendo cortar as verbas do jornal, e se utilizou do aluno, como massa de manobra.

Monsieur SigÉR Sèmoi

Encontro Estático

Rubens (01)

Era uma menina que tudo via e tudo gostava de ver. Seus olhos, no entanto, não terminavam nunca. Ela não tinha retinas e as imagens, capturadas que estavam, caíam para sempre dentro dos seus olhos. Nada ficava e nada se perdia. Não tinha como segurar, nem como apagar. Imagens fantasmas flutuando incessantes, infinitas.

Era uma menina triste. Como um girassol, acompanhava a fonte de luz, mas impregnada, fechava-se como aquelas plantinhas sensí-

veis ao toque. Absorvia e tinha de se esconder. Virava, olhava, tentando voltar-se para outras fontes. Por isso era tão luminosa. Por isso era tão arisca.

Tinha medo (era menina) das suas muitas imagens tornarem-se repetidas. Continha em si tanta luz, que não tinha coragem de andar. Invejava, era verdade, os seres que a rodeavam. Seres que podiam ver e esquecer, podiam mover, podiam parar. Seres que podiam ser. Ela, receptáculo.

Freqüentemente fechava os olhos e assim ficava, combatendo luzes e imagens, moinhos, caindo ela também para dentro dos olhos

sem fundo, buracos de Alice. Ia e voltava, ciclos de vida e de morte. Quando a conheci, vi através de seus olhos e caí, assustado. Ela, além de fechar os olhos, ficou muda. E nunca mais a vi.

Entrevista: Parte 2.

Guilherme Gibran Pogibin (98)

Conheça mais da história do Nosso Boletim

ex-membro da CO do BOCA

As regras que a gente discutia era o número caracteres, prazos, o BOCA sai na terça ou na quarta, então precisa enviar até domingo, meio-dia... O Israel fazia revisão ortográfica dos textos e isso gerou também uma série de confusões porque alguns autores não gostavam das alterações que ele fazia, aí uma hora ele encheu o saco e parou de fazer. Uma época a gente até categorizou os textos. Não que fosse haver restrição, mas todo texto que chegava a gente categorizava em informativo, opinativo ou artístico. A gente definiu o número de páginas pra cada categoria. Teve uma época que o BOCA não tinha nenhum limite e a CO resolveu limitar em 8 a 10 páginas cada número. Era mais ou menos esse tipo de coisa que a gente discutia. Mas repito, a gente acreditava que o BOCA era o canal de expressão dos alunos da Psicologia e ponto. Não íamos restringir nada. Contanto que fosse enviado no prazo, que tivesse o número de páginas ou de toques estabelecidos e sempre a gente tinha que se virar. A gente abria exceções para textos fora do prazo, às vezes não abria. "Então, tem um cara querendo publicar fora de prazo", "não, fora de prazo não interessa, toda semana as regras são publicadas no próprio BOCA e as pessoas não lêem, têm que ler, se quer participar do BOCA tem que ler o BOCA pra participar". Às vezes tinha editorial, sempre que havia algo em relação ao próprio BOCA, a gente nunca escreveu um sobre os meninos entrando no Bloco, ou sobre qualquer outra questão. Não me lembro se a gente escreveu um sobre censura ou não. Teve uma época que a gente discutiu financiamento pro BOCA. É porque algumas pessoas da CO achavam que tinham que ser pagas pra fazer o trabalho.

Eu lembro de ser contra isso. "Não gente, isso é movimento estudantil que a gente tá fazendo, ninguém vai ser pago pra fazer isso". Claro que dá trabalho, dá um puta trabalho fazer o BOCA, mas o trabalho que se tem participando do Movimento Estudantil. Quem faz ME sabe, tem trabalho pra fazer e você não vai receber por isso, está fazendo uma militância. Vai organizar um evento, um EREP, chamar uma discussão. É trabalho. Eu fui contra isso, mas olha só, e aí estavam até pensando em patrocínio, uma forma de financiamento, alguém que colocasse alguma propaganda e pagasse pra isso. Eu lembro de ser muito contra qualquer circulação de dinheiro pro BOCA, chegou-se até a se pensar em fazer o BOCA como projeto de cultura e extensão, pras pessoas receberem bolsa pra fazer... Uma coisa interessante, em termo de Movimento Estudantil, movimento político na universidade, se a gente pegar os BOCAS dessa época de 2000 para cá, tem muita coisa importante que aconteceu na PSICO, no CA ou na USP que não saiu no BOCA. Quando eu entrei no BOCA na gestão "Falo porque quero", eram as pessoas do CA que estavam no BOCA e eles escreviam bastante sobre as coisas que estavam acontecendo, depois parou, porque as próprias pessoas do CA tinham dificuldade em encontrar tempo e disposição pra escrever o que estava sendo feito no CA. Não dá para pegar o BOCA como um referencial das coisas que aconteciam no IP ou na USP, porque escreve quem quer, se ninguém quer escrever sobre a greve... foi o caso do ano passado, a gente da CO falou: o Boca vai continuar durante a greve só com textos da greve, a Betânia que tira xerox falou "estou em greve,

mas abro exceção pro BOCA, faço as cópias", mas ninguém escreveu, ou teve um BOCA na greve. Talvez tenha havido algum EREP que ninguém escreveu nada, talvez o de 2002. Foi um acontecimento importante, foi aqui no IP. Isso eu sinto falta, por exemplo, o BOCA estar distante do CA dá margem pra isso. O BOCA é o boletim do CA, mas atualmente tem saído as Lembranças da Iara, de uma maneira bem sistemática e burocrática. Não tem nenhum texto do CA refletindo, chamando uma discussão. Mas algumas polêmicas veicularam no BOCA com bastante força, que foi a de TEP e uma sobre psicopatologia. Muita gente se dispôs a escrever, deu sua opinião. Então o BOCA mobiliza muita coisa, como está mobilizando agora, que é a questão do próprio BOCA, e acho muito importante isso, esse debate ser público, como tá sendo. O BOCA serve pra isso, pra tornar o debate público. Esquento o pessoal e de uma maneira geral acaba esquentando o BOCA também. Pode ter coisas importantíssimas que não se vê uma linha no BOCA. Saiu um texto da Reforma Universitária no BOCA? Se alguém pegar o BOCA daqui a dez anos e basear a história pelo IP no BOCA não vai encontrar quase nada da Reforma Universitária, que é importantíssima mas não tem mobilizado as pessoas. Uma coisa que sempre defendi inclusive nesses anos de BOCA foi uma reaproximação do BOCA com o CA. Talvez no momento não seja tão fácil de fazer. "O Boca está com o CA", também não é assim, depende muito da disponibilidade das pessoas pra fazer isso, e as pessoas que estão se dispondo a fazer o BOCA não são as mesmas que estão se dispondo a fazer o CA.

BOCA: Breve Histórico de 96 a 2000

Domenico Hur (pós-graduação/PST)

Na década de 90 o BOCA era muito diferente do que é hoje. Em 95 o participante do CA, que chamarei de Z., conjuntamente a um amigo, aluno de jornalismo da ECA, reeditou o informativo: O Boletim Oficial do Centro Acadêmico!

Ambos, conjuntamente à diretoria do CAII, elaboraram a linha editorial do jornal: um boletim informativo, recheado de fatos estudantis e da Universidade com ênfase na política e na transmissão de notícias do movimento estudantil da USP e da Psicologia, com ênfase nas lutas e bandeiras do Centro Acadêmico Iara Iavelberg.

Dessa forma não eram aceitos textos opinativos sobre assuntos quaisquer e raramente poesias eram publicadas. A maior parte dos textos era assinada pelos participantes do CA e por alunos interessados (como o Marquito, por exemplo).

Quando ingressei na USP, Z. era o jornalista. Ele levava a coisa a sério e era o responsável pela diagramação, editoração, arte-final, impressão e divulgação do BOCA. A pauta era discutida com a diretoria do CAII, porém ele era o responsável pela parte executiva. Matérias sobre o Simpósio de Luta Antimanicomial "Fim de Século: Ainda Manicômios?" organizado pelo LAPSO e CAII conjuntamente, a Reforma Curricular que nunca saía, a tramitação do pedido de exumação do corpo de Iara Iavelberg, as discussões sobre a "invasão" dos meninos no Bloco B e o Evento de memória sobre Aurora Furtado marcaram minha vida de primeiro-anista. Posteriormente acabei ingressando no CA e nas discussões do BOCA.

Z. centralizou muitas funções e praticamente dirigia o jornal. Como ninguém queria se en-

carregar dessas atribuições, ele recebia um pagamento do CA para fazê-lo, cerca de R\$15,00-20,00 a página, sendo uma espécie de funcionário. Para pagar esse valor, às vezes colocávamos anúncios de patrocinadores, como da banca de livros da Oriana ou da Ótica do DCE. Saía um BOCA mais ou menos a cada 3 semanas (dependia do humor do Z.) e cada exemplar tinha 2 ou 4 páginas.

Na minha primeira gestão do CA (97-98), Z. havia se desentendido com antigos membros e não "conseguiu" mais fazer o BOCA. Então, ficamos um período sem o boletim. Na minha segunda gestão (98-99), Z. retornou como jornalista e retomamos a antiga linha editorial. Nosso projeto era instituir "editorias", colunas específicas com assuntos de determinados espaços, por exemplo coluna sobre as atividades do CA, sobre o movimento de Psicologia, sobre a reforma curricular, sobre o DCE, sobre a Atlética, sobre o NAC, etc. Não tivemos êxito na empreitada pois muitas vezes não recebíamos textos das entidades, ou recebíamos alguns muito grandes que não caberiam nem no exemplar de 4 páginas! Nessa época, as entidades estudantis foram se multiplicando e tinham espaço de expressão no jornal. A Atlética costumava escrever mais, lembro de uma engraçadíssima matéria sobre o Interanos da Psico de 99 no qual o azarão (turma de 97) levou o título. Lembro-me também que um membro do DCE, que era da corrente do PT - Força Socialista - veio questionar-me sobre ironias, recurso estilístico rebuscado, presentes no BOCA. Os textos do NAC também eram freqüentes, fiquei muito orgulhoso em poder enviar o texto sobre a intervenção social que realizávamos na São Remo, a Oficina "Música das Ruas".

Para ilustrar o BOCA, Z. utilizava um livro de desenhos do cartunista Laerte, feito exatamente para a utilização livre para jornais e informativos de movimentos sociais, populares e sindicatos. Ele tinha tanto gosto pela coisa que fez jornalismo na UEL e hoje trabalha na Folha de São Paulo.

O problema de qualquer atividade centralizada é que quando o elo central sai, a cadeia se desorganiza. Foi isso que aconteceu quando Z. saiu. Na minha 3ª e última gestão no CAII (99-00), abrimos a participação no BOCA, mas a grande maioria dos ingressantes era do CA. Fizemos um BOCA com muitos assuntos do movimento de Psicologia (a problemática do registro de especialistas, nosso movimento vitorioso de boicote ao provão) e em 2000 o BOCA mudou totalmente de cara. Fizemos uma comissão mais ampla e o BOCA ficou com cara de fanzine. Textos sobre voluntariado, tiras e um esvaziamento do político. O segundo foi mais estranho, além de parecer fanzine e ficar falando muito de festas, havia uma certa auto-promoção de um grupo de amigos. Foi bastante criticado e essa comissão desagregou-se.

Aconteceu a greve. Crise no CAII, esvaziamento e "abandono" do informativo. No fim do primeiro semestre de 2000, os novos integrantes do CAII, que só entrariam no segundo semestre, passaram a escrever o BOCA, um informativo mais aberto que outrora e criaram outra linha editorial.

Concluindo, o BOCA daquela época serve como registro de fatos históricos, não é à toa que no evento de movimento estudantil do IPUSP (organizado pelo Samir e pela Lets em 2004), muitos dos palestrantes (ex-participantes do ME) levaram esses an-

Quem N Gosta de DEMOCRACIA?

A elite brasileira não é conservadora, é atrasada.

Para fins deste texto encaramos Democracia como sendo a manutenção de relações horizontais, a diluição do poder - todos têm poder, o enfoque no interesse coletivo e correlatas.

No contexto, o antônimo de Democracia seria fascismo, sendo a manutenção de relações verticais, relações de poder, a concentração do poder nas mãos de alguns, o enfoque no interesse individual ou de poucos, dentre outros.

Em uma Universidade Pública Democracia se aproximaria dos seguintes conceitos, transparência no trato com a coisa pública; abertura para participação do público - logo, a faculdade que não tem curso noturno, não está aberta ao povo que trabalha, não é democrática; mudança; diálogo; busca do consenso e daí vai.

Já fascismo se aproximaria do uso escuso dos bens públicos; abertura restrita - portanto a tal faculdade, por estar aberta somente à elite que prescinde de trabalhar, é fascista; engessamento; estagnação; monólogo; imposição; corporativismo; censura etc.

Não gosta de Democracia quem concentra poder, nisso lembremos da *Personalidade Autoritária* de Adorno.

Não gosta de Democracia quem individualmente reproduz, em sua esfera de atuação, o fascismo inerente a uma instituição.

Não olvidemos que a instituição Capitalismo é intrinsecamente concentradora de poder, fascista.

Não gosta de Democracia quem não reflete quotidianamente sobre sua prática, praxes tem como *sine qua non* a reflexão, reproduzindo o fascismo que recebe.

Acaba não gostando de Democracia quem, mesmo refletindo, não consegue escapar de reproduzir tal fascismo.

Não gosta de Democracia quem não sabe ouvir opiniões diferentes; destoantes; não sabe ouvir

críticas - mormente quem mais precisa ouvi-las, um ótimo *feed-back*, e, ao não saber ouvi-las, tende a calá-las.

Não gosta de Democracia quem está fechado para o novo, para a mudança, já estagnou.

Não gosta de Democracia quem defende a perpetuação do poder instaurado; defende o *status quo*; defende a não mudança no *establishment*; defende que nosso país continue campeão de má distribuição de renda e, assim, subdesenvolvido.

Todas as grandes novas idéias, todo grande avanço científico questionou o *establishment* de então.

Não gosta de Democracia quem age na esfera pública como se estivesse na privada, ou seja fisiologismo. Não nos esqueçamos que, diferentemente da Monarquia, a República está instaurada na existência dessas duas esferas.

Não gosta de Democracia quem somente age segundo os interesses de um grupo e não de toda a comunidade.

Não gosta de Democracia quem atua no espaço público passionalmente, ou seja, desenvolve um comportamento exclusivo do espaço privado.

Não gosta de Democracia quem, ao invés de investir no acesso à informação e em sua livre circulação, semeia boatos.

Não gosta de Democracia quem defende a censura.

Não gosta de Democracia quem, usando dos mais elevados conceitos morais contra uma suposta pornografia - que somente está nos olhos desses, defende a censura. Não existe meia liberdade, assim como não existe meia censura. Além do que, a história nos ensina, ter o fascismo diversas vezes defendido os mais altos valores da tradição, da família e da propriedade para calar vozes com que não concordava.

Não gosta de Democracia

Sérgio Buarque de Holanda¹

¹ Docente da FFLCH e pai do Chico.

quem, ao invés de publicar no Boca suas opiniões para o livre debate de idéias, chama seu grupinho para discutir a portas fechadas.

Não gosta de Democracia quem invoca a existência de um Conselho Editorial para somente aprovar o que lhe interessa.

Um jornal científico representa o *status quo* daquela ciência, não é essa a proposta do Boca, sua proposta passa por abrir espaço para toda a comunidade do IP. Como bons psicólogos que somos, sabemos, segundo uma afamada escola psicológica, que a marca do coletivo é a psicose, é a esquizofrenia, assim é o Boca e ai está sua beleza, em sua heterogeneidade, dar espaço a todas as vozes, por mais díspares que sejam.

Tão Democrático é o Boca que, mesmo sendo do CA, ou seja dos estudantes, abre espaço para toda a comunidade discentes, funcionários e docentes, se algum grupo não tá gostando que não faça uso do espaço que lhe é dado, agora querer restringir o espaço dos outros é fascismo, querer calar o Boca é puro fascismo.

Um patrão querer legislar no jornal dos trabalhadores, jornal do sindicato, é fascismo, um professor querer legislar no boletim dos estudantes, no Boca, é fascismo

Digo para a Comissão do Boca e a todos os democratas do IP, só podemos nos regozijar, estamos no caminho certo, se estamos *cutucando* os fascistas, se estamos os levando a sair de seus esconderijos e nos mostrar suas caras e comportamentos fascistas estamos lutando por um IP melhor e um mundo melhor, mais democrático, coisa que os fascistas não aceitam.

Democracia é o único Regime Político no qual os conflitos são considerados o princípio mesmo do seu funcionamento.

Marilena Chauí

SÓ NORDESTINO ENTENDE

José Israel (01) e Aécio (graduado-IPUSP)

Chico, cabra errado e bonequeiro,
já melado depois de traçar um
burrinho e duas meiotas,
vinha penso, cambaleando,
arrodiando o pé de pau,
quando deu um trupicão que arran-
cou o chaboque do dedo.

Diabeísson! - Mangou a munição
que estava perto.
Aí dento! - Disse Chico.

Chico estava ariado desde ontonti,

quando o gato-réi que ele
acunhava lá na baxa da égua,
bateu fofo com ele pra ir
engabelar um galalau estribado da
Aldeota.

É o que dá pelejar com canelau,
catiropa, fullerage - pensava ele -
ganhei um chapéu de touro, mas
não tem Zé não,
aquela marmota tá mesmo só o bu-
raco e a catinga.
Dá é gastura.

Chegando em casa se empriquitou
de vez e rebolou no mato todas as
catrevage da letreca:
uma alpercata, um gigolete amarelo
queimado
e uns pé de planta que ela tinha
trazido enquanto iam se
amancebar.
Depois se empanzinou de sarrabui
e panelada e foi dormir pensando
nas comédias.

Se não conseguir entender, peça a
um dos autores pra traduzir ou
a guarde o próximo BOCA.

A Utopia do Intelectual, Parte dois.

Diego (05)

Dando continuidade a nossa
Trilogia utópica, o protagonista
Zietzsche, depois de pegar uma cara-
na, ter um orgasmo auxiliado na rua,
decifrar o padrão da matriz quadrada
de Dostoiévski, e subir então no pré-
dio de Carla Shimuisin, criadora da
arquitura fractal e da arquitetura po-
ética.

...
A reunião decorreu como espe-
rado, ao som de Manu Chao, discuti-
se essencialmente as consequências
da falta de chuvas daquele outono na
poesia germânica. A palestra iniciava-
se com algumas citações, desde quan-
do Bertrand Russell pela primeira vez
propôs a conexão causal entre fenô-
menos climáticos e a poesia até os úl-
timos estudos da universidade de Lis-
boa, que apontavam o derretimento das
calotas polares como o mais provável
motivo para o destaque que a poesia
lisboeta clássica estava ganhando na-
queles tempos. Os estudos pareciam
inconclusivos, praticamente induzidos,
e Zietzsche irritava-se com isso. Além
disso, a discussão se dava através de
lógica modal, e Zietzsche era clara-
mente um Bayesiano. Cansado, e visi-
velmente improdutivo, retirou-se para
tomar um café. Descafeinado.

Na saleta de café tocava
"Fora da Ordem" de Caetano Veloso,
Zietzsche ouvia os versos, e sentia que
realmente algo havia de estar "fora
da nova ordem mundial". Cogitou abrir
seu bloquinho e anotar suas conclusões
sobre os desvios padrão dos passos na

estação de trem, mas seu corpo re-
jeitou a idéia. Iria sentar-se e medi-
tar. Das três cadeiras que figuravam
na sala, todas no estilo Viking, uma
possuía um pequeno estimulador anal,
devidamente esterilizado, outra um
massageador de costas, e a tercei-
ra era como as cadeiras antigas, lisa.
Essa era a ideal. Zietzsche sentou-se.

Inquieto, não conseguia medi-
tar. Não conseguia deixar de pensar.
Diversas imagens vinham a sua cabe-
ça, quadrinhos de Dilbert, pianos de
cauda, aforismos de Nietzsche. Aos
poucos sua mente foi se estabilizan-
do, e começou a pensar na menina que
o masturbara a pouco. "Tive uma in-
fância difícil" pensou, naqueles tem-
pos ainda havia resquícios dos tempos
bárbaros, as pessoas já andavam nuas,
sempre que permitia o clima, mas lem-
brava-se com pesar que o sexo ainda
era um tabu, dificilmente uma pessoa
excitada era auxiliada em seus pra-
zeres por alguém na rua. Aliás, ainda
existia o termo homossexual, lembra-
va-se nostalgicamente. Olhou nova-
mente para as cadeiras. Primeiramen-
te lembrou-se que os vikings eram dos
tempos bárbaros, que usavam roupas,
tinham medo dos deuses e necessida-
de de matar, e pensou como não seria
mais trágica ainda a infância que eles
tiveram. Olhou para a cadeira ao lado,
a do estimulador anal, e pensou se o
fato de não estar nela naquele mo-
mento não era um resquício dos tabus
de sua infância. Era.

"Zietzsche! Acorde, você não

vai voltar?", indagou Bartre, no apro-
priado idioma banto, cujos sons atin-
gem distâncias de até 3 quilômetros
ao ar livre, ou 15 centímetros dentro
do cérebro de qualquer desatento.
"Não, obrigado, acho que vou para casa,
algo que precisem de mim?". "Sabes
qual o índice médio de desvio memético
de uma notícia, quando divulgada em
árabe?" Perguntou no matemático idi-
oma tailandês. "Qual a média?", "Tele-
visão", "É da ordem de 8%, mas por que
querem divulgar uma notícia em ára-
be? Por que não cantá-la em italiano
como a enorme maioria das outras?",
"É divulgação artística, precisamos de
divergência de opinião..." "Então usem
o inglês, chega a 11%". "É para o gran-
de público, mais da metade da popula-
ção não fala inglês. Mas obrigado pela
dica, descanse."

(To Be Continued)

... Essa utopia está disponível
inteira no meu site.

**Várias das Utopias que es-
crevi para o BOCA, e outros textos
meus sobre filosofia, ética, política,
física quântica, física relativística,
papel higiênico, gatos, egocentrismo,
micro sociedades e quem sabe até
psicologia estão disponíveis no meu
site: www.dcaleironews.rg3.net**

Se for visitar, deixe um co-
mentário, é importante para que eu
possa melhorar a qualidade, o conteú-
do a forma do que escrevo, valeu.
Fale mal, fale bem, mas fale de mim
hehe.